S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 3 de outubro de 1914 — ANO XIII — N. 263

Publica-se aos sabbados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANNO. . . . . . . 10$000

SEMESTRE . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração

Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

Bento XV fala...

A primeira vez que a sacratissima guela de Bento XV falou aos lorpas da terra, tão grande asneira disse que bem melhor seria não se destapasse nunca.

Afirmou Bentinho que a cauza fundamental da guerra européa é a irrelijiozidade dos povos europeus.

Bentinho tem memoria curta ou quer fazer dos mais tolos.

Quem declarou guerra á Servia? A catolicissima e relijiozissima Austria. Si os dirijentes carolas da Austria são relijiozos e em vez de perdoarem o *crime* de Serajevo, declararam guerra de exterminio é evidente que a relijiozidade não evita guerras. Si a relijiozidade evitasse guerras a relijiozissima Austria não provocaria a guerra europêa. Ou isso é lojico ou Bento XV não é papa.

A historia humana, principalmente a historia da Igreja prova exubrantemente que as guerras mais encarniçadas, mais ferozes, mais horriveis foram as guerras de relijião. Por serem relijiozos guerrearam os Cruzados, guerrearam os Arabes, guerreou barbaramente a Igreja Romana contra Albijenses, Cataros, protestantes, queimando herejes e judeus por varios seculos.

São fatos conhecidissimos e a Igreja aprezentou mesmo papas guerreiros como Julio II, condutores de exercitos e incitadores de sicarios.

Aqui no Brazil, recanto desconhecido da America, temos um exemplo classico, ignorado de muita gente e por isso bom de recordar.

Tivemos, com efeito, uma guerra de relijião, promovida e levada a cabo por aquele refinadissimo canalha que se chamou Anchieta, o apostolo das gentes.

Esse bandido escreveu um poema em latim á Virjem Maria, áquela que, segundo os evanjelhos, teve muitos filhos e continuou virjem.

Eis como João Ribeiro rezume a historia no seu compendio de *Historia do Brazil:*

«Pela primeira vez no Brazil repercutiu, no combate de *Uruçumirim* e *Paranapuan*, o exemplo insolito dessas guerras de relijião que abalaram a historia européa do seculo XVI. Não havia a America ainda conhecido esse flajelo do antigo mundo. O que acendia o furor do soldado luzitano era menos o entuziasmo patriotico que o mau zelo o odio fanatico e ignorante; o principal alvo era tripudiar sanguinolentamente sobre a herezia reformista que ouzava alçar o colo no ocidente. Para isso não pouco contribuira o fervor dos jezuitas, que foram o nervo principal dessa guerra e os primeiros que se interessaram em desligar os tamoios da aliança, ao ver deles corrutora, dos protestantes. A suma de todo esse esforço, que se deve a Anchieta, foi o armisticio de *Iperoji*, que dentro em pouco se inutilizou por si mesmo, porque não era proprio do selvajem a ciencia ou constancia de compromissos diplomaticos. Isso ainda mais redobrou o zelo do apostolado catolico que tinha grande interesse nessa guerra que se pudera dizer *sua* e que devia ser o exterminio dos *hugenotes*. Foram as informações de Anchieta, passando á Bahia para receber ordens sacras, que por fim venceram Mem de Sá. Tudo se foi preparando para dar-se ao massacre o carater de um grande holocausto pela fé. Escolheu-se o dia de S. Sebastião, que era o nome do rei e o da cidade nacente para ao sol do gloriozo martir realizar-se a hecatombe. Logo numa das primeiras escaramuças no mar espalha-se a lenda de um milagre como os de Ourique e Aljubarrota. São Sebastião, trespassado de setas de ouro fulgurantes, aparece no ardor da refrega entre nuvens de pó, animando os guerreiros. O mesmo fanatismo que inicia a luta termina-a com seu cortejo de iniquidades. Quando cessaram os pelouros e as bombardas, começou a sangue frio a crucifixação dos vencidos. Nem um só tamoio escapou com vida e os francezes que não acharam a morte na hora do exterminio *foram pendurados em paus para escarmento*... diz Simão de Vasconcelos (padre) um dos apolojistas desta carnificina.

«Anos antes o germen desse fervor contra a herezia aparecera quando, vindo dos francezes em S. Vicente, andara por lá um sabio helenista, letrado de grande labia falando sinistramente acerca das imajens santas, das bulas e induljencias (João de Bolés). Ao sabel-o o provincial Luiz da Gram, sae precipitadamente de Piratininga para acudir a tempo «ao principio dessa peste que tinha já inficcionado as povoações maritimas». Violentamente é prezo o hereje e remetido para a Bahia.

Esse infeliz, em 1567, quando já vencidos e exterminados os francezes no Rio, para aí foi remetido afim de ser justiçado *porventura no logar onde começara a semear as suas herezias*.

«Foi o ultimo éco da guerra, repercutido quando já o olvido se fazia sobre ela. Não justificam essa monstruozidade a lejislação e os costumes do tempo, como pretendem alguns. O programa do Brazil era já o povoamento e por isso aqui se fechavam os olhos sobre o L. 5 das *Ordenações* e os reclamos da *Inquisição*. Sem embargo os tentaculos do polvo europeu ás vezes atinjiam o ultramar.

No momento da execução de Bolés, a imperícia do algoz, que lhe atormentava a agonia, fez que José de Anchieta auxiliasse o condenado a morrer. Ato de fina caridade, diz o cronista, e tanto maior, dizemos nós, quando ele tem sido invocado contra a santidade do apostolo».

Eis aí como a relijiozidade evita as guerras. Bento XV disse asneira, mas tem a boca benta e a sua fraze hipocrita ou melhor despudorada fez curvar a cabeça aos milhões de imbecis que esperando em Cristo lhe estão a ouvir as infaliveis tolices.

Anuncia-se agora um telegrama de Bentinho ao kaiser.

E' mais idiota ainda. Comental-o-emos.

Bento Zéro.

BIBLIA VERMELHA

Os povos mais esclarecidos, retomando consciencia do direito de dispor de si mesmos, do seu sangue e das suas riquezas, aprenderão pouco a pouco a c nsiderar a guerra como o flagelo mais funesto, como o maior dos crimes... e as guerra entre os povos, assim como os assassinatos, estarão no numero dessas atrocidades extraordinarias que humilham e revoltam a natureza.

Condorcet.

DA PORTA DA EUROPA

UMA NOVA INTERNACIONAL

Os revolucionários sociais foram sempre inimigos acérrimos da guerra entre as nações, não só como causadora de grandes hecatombes e enormes danos materiais, mas especialmente como fomentadora do espírito imperialista e retrógrado. E não se arrependem dos seus actos e dos seus sentimentos ante a actual conflagração, fôsse embora o abalo formidável causa directa ou indirecta duma transformação política ou social.

Uma epidemia mortífera pode igualmente levar a vastos melhoramentos numa cidade ou numa região e contribuir para divulgar claros preceitos e hábitos utilíssimos de higiene; mas nem por isso defenderemos como um bem a epidemia ou trataremos de a provocar e desenvolver. Pelo contrário: tôda a nossa preocupação será denunciar-lhe prèviamente os males e precaver contra a sua iminência as populações incautas, será envidar tôdas as energias numa benéfica propaganda de higiene preventiva.

Assim fizeram os revolucionários quanto à guerra pelos interesses capitalistas, à qual êles preferiam mil vezes a revolução social, a guerra entre as classes, infinitamente mais económica em vidas e riquezas e infinitamente mais produtiva sob o ponto de vista dos interesses gerais da humanidade.

Mas desde que a guerra é um facto consumado, que nos resta senão esp rarmos alguns benefícios compensadores e procurarmos alargá-los e provocá-los?

Muitos são os que vêem na presente conflagração o sacudimento precursor de grandes mudanças de coisas. Os mais modestos auspiciam a queda do imperialismo germânico, uma situação política mais moderna na Alemanha, concessões liberais arrancadas ao tsarismo russo pela necessidade de se manter uma certa unidade e um certo ardor no colosso eslavo, — em suma, uma atmosfera mais respirável que favoreça um rápido desenvolvimento da fôrça e consciência proletárias.

Não há, sem dúvida, males completos e absolutos.

E uma das vantagens compensadoras que parecem distinguir-se desde já no horizonte é a provável «desprussianização» do socialismo democrático internacional e da organização operária.

A social-democracia alemã e austro-húngara, formalista e autoritária, pesada e centralista, exercia uma funesta influência sôbre o movimento operário e socialista e era apontada como modêlo e exemplo de fôrça e sabedoria pelos burgueses e pelos elementos reaccionários dos partidos populares.

Veio a guerra. A social-democracia e as organizações operárias germânicas, sôbre as quais maiores responsabilidades impendiam, não só em razão da sua potência, mas ainda em virtude da vontade imperialista e agressiva dos dois impérios centrais, mostram bem o que valiam, aderindo à guerra e paralisando a acção do operariado francês e inglês, cujas disposições antiguerreiras começavam a revelar-se enérgicamente.

E agora são os seus próprios correligionários dos outros países que condenam severamente a social democracia, como o prova a resposta altiva dos de Itália àquela singular missão socialista tudesca, que mais parecia uma embaixada do *Kaiser!*

Em tais condições, será arriscado prever a derrocada do pseudo-socialismo teutónico e da sua nefasta hegemonia?

Era na Alemanha que tinham a sua sede a maior parte dos secretariados internacionais de ofício ou de indústria, assim como o inútil e burocrático secretariado internacional, laço único entre as diversas organizações operárias nacionais, assim imperfeitamente confederadas.

A C. G. T. francesa aderia a êste organismo e mandava pacientemente aos seus pequenos conclaves anuais de funcionários supremos, mais ou menos vitalícios, os seus dois secretários gerais. Eram conciliábulos burocráticos, que repeliam gravemente, como «questões políticas» estranhas à sua alçada, tôdas as vastas questões de interesse geral.

Em vão os franceses propunham à discussão os largos e angustiosos problemas do antimilitarismo operário e da greve geral; em vão pediam a convocação de verdadeiros congressos operários internacionais, que estudassem e agitassem as ingentes questões proletárias.

Em vão também alguns sindicalistas, entre êles o nosso amigo Alcestes De Ambris, procuravam mostrar a ilusão que havia em querer transformar burocràticamente, pelo alto, a Internacional centralista e fechada que os teutões dominavam.

Agora os factos devem forçar a C. G. T. a fazer-se iniciadora duma nova Internacional que, sem se tornar confessional ou sectária, seja animada pelo espírito de liberdade e autonomia e se inspire nos verdadeiros interesses gerais do proletariado.

Se tal fizer, como é bem provável, terá em seu tôrno as organizações sindicalistas da Inglaterra, da Itália, da Espanha, de Portugal, da América do Norte e de tôda a América do Sul, belo reservatório de energias futuras.

E terá ainda as organizações livres que em todos os países, mesmo nos germânicos, tiverem uma alma sinceramente proletária e um sincero desejo de emancipação social.

Neno Vasco.

O futuro das religiões

Opinião dum socialista

Assistimos a uma dissolução ou a uma evolução da ideia e do sentimento religiosos?

Se tivessem feito a mesma pergunta a algum filosofo do seculo II, emancipado das velhas crenças e desdenhoso ou ignorante das crenças novas, que obscuramente se elaboravam entre os pobres e os escravos, com certeza teria respondido: «Vão-se os deuses; já se foram os deuses; em lugar deles vai reinar a Razão só.»

Hoje, tendo visto o sentimento religioso sobreviver a formas religiosas que os antigos consideravam como a unica religião possivel, somos mais circunspectos e, antes de responder, queremos definir.

Trata-se das religiões oficiais, dogmaticas, autoritarias, do Catolicismo, por exemplo, que é certamente, entre todas as concepções religiosas saidas do Cristianismo, a mais coerente, a mais logica?

Não hesito em dizer que assistimos, no que a elas se refere, a uma dissolução, e não a uma evolução.

E' bem certo que, entre os que se intitulam catolicos, ou protestantes, alguns julgam as religiões actuais susceptiveis de evoluir, de se transformar de tal maneira que os seus dogmas, reduzidos ao estado de simbolos, e os seus livros santos, subtilmente interpretados por uma exegese sabia, deixem de estar em contradição com os factos scientificamente verificaveis.

Mas, além de que esses neo-catolicos ou esses neo-protestantes esbarram na oposição tenaz das jerarquias, quem não vê que as religiões assim transformadas já não são as mesmas e que no fim de contas catolicos como Loisy, protestantes como Réville, livres pensadores como Berthelot estão infinitamente mais perto uns dos outros do que dos seus pretensos correligionarios? O que, na verdade, os aproxima é por um lado o não tolerarem que as suas crenças ou hipoteses filosoficas ocasionem a menor ofensa á sua liberdade de sabios; é por outro lado acreditarem na perenidade do sentimento religioso, pensarem que, no futuro como no presente e no passado, ha de haver sempre homens — e decerto a imensa maioria dos homens — irresistivelmente levados a fazer hipoteses metafisicas.

E neste ponto estou completamente de acordo com eles. Estou convencido de que, na sociedade socialista, como na sociedade burguesa, os problemas da morte e da vida, do misterio dos nossos destinos e origens, continuarão a engendrar hipoteses metafisicas, ou, se o preferem, crenças religiosas. Mas essas crenças não passarão de hipoteses. Ninguem mais cuidará de, em nome duma pretensa revelação, as impor como verdades absolutas. Haverá ainda, segundo todas probabilidades, associações religiosas, mas já não haverá — senão como arcaicas sobrevivencia — Igrejas, autoritarias, intolerantes, despoticas.

Emilio Vandervelde.

DE PARIS

EM TEMPO DE GUERRA

NA CIDADE E NO CAMPO

Solidariedade aldeã

Graças aos esforços combinados de todos os que a mobilização deixou na aldeia, está ha dias terminada a ceifa em toda a Beauce, que é, como se sabe, o celeiro de fartura da França.

A guerra teve este inesperado efeito; fazer compreender aos trabalhadores agricolas a virtude do agrupamento e da solidariedade. Perante as necessidades, todos puseram de lado o seu individualismo estreito, o seu egoismo de pequenos proprietarios!

A tormenta surpreendeu-os no meio dos seus trabalhos. Levaram-lhes os homens validos e os cavalos robustos: ficaram apenas os velhos e as mulheres. Para recolher as colheitas, não puderam contar com os solidos *percherons:* lançaram mão das pilecas e dos potros.

Vendo partir os filhos e genros para a guerra, voltaram os anciãos ao trabalho. Todos para os campos! Houve auxilio mutuo. Os velhos, curvados durante demasiados anos sobre a gleba, seguiam lentamente o seu caminho. Os cavalos, fracos demais, suportavam cargas menores. Duraram mais tempo os trabalhos. Mas o esforço em comum realizou milagres. Viu-se metade da aldeia consagrar-se ao mesmo tempo. No dia seguinte ao campo de outro, e assim sucessivamente. E a ceifa foi levada a cabo sem obstaculo. Encheram-se as granjas; ergueram-se as medas.

Empolga os cerebros uma apreensão terrivel: se veem os ulanos, hão de decerto queimar todas as medas em que se acumula a loira messe, tão duramente conquistada.

Por isso, já começou a malha, que se faz tambem em vista do reabastecimento militar. Carvão para os locomoveis não falta: desde maio passado que todas as aldeias o amontoam.

A colheita é excelente, tanto de trigos como de aveias, tanto em qualidade como em rendimento. As vindimas prometem ser boas. As luzernas e os fenos são abundantes.

Todavia, os camponeses queixam-se por vender os seus produtos a preços muito baixos. Consolar-se-iam, se soubessem que é o consumidor e não o intermediario que disso tira proveito.

Vendem a manteiga a um franco a libra, os ovos a um franco e dez centimos a duzia. Quanto aos frangos e coelhos, encontram para eles no mercado ofertas muito inferiores ás desta época do ano em tempo normal.

Teem ainda vacas, mas a requisição militar vai tirar-lhas na proporção de uma em cada duas ou tres.

Todos, no campo, amaldiçoam a invasão e é com o coração cheio de angustia que mulheres, velhos e crianças vão todos os dias ler os telegramas da guerra afixados nas paredes das granjas e das *mairies.*

Paris, 30 de agosto de 1914.

A. Desbois.

PELA MANHÃ...

— «Bons dias, senhor abade.»
— «Olá! pequena, bons dias.
Já a caminho da cidade
Mas cedo que as cotovias?...

Mas... o que vem a ser isso?!...
O que tens? porque é que choras?
Já vejo que ainda namoras...
São coisas do teu derriço...

Talvez algum pecadito
Que esqueceu na desobriga...
Já m'o podias ter dito...
Então?... fala, rapariga!»

— «Pecado foi... bem o sei...
Que me esquecesse, isso não!
Foi depois da confissão...
Foi... ha pouco, que eu pequei.»

— «Mas que foi? estou com medo
E receio adivinhar!...
Qualquer que seja o segredo
Tens de tudo confessar».

— «Senhor cura, eu tudo digo:
Eu vinha agora p'r'a fonte...
O João ia lá p'r'o monte
Parou, a falar comigo...

Naquela pedra sentados
Fez-me então um juramento:
De que seremos ligados
Em breve no casamento...

Ao dizer isto... nos braços
Fortemente me apertava...
Deu-me dois ou tres abraços...»
— «E tu deixavas?...»
— «Deixava...»

— «Conta lá, bem; e depois?»
— «Dois beijos então me deu...»
— «Tu então que fizeste?»
— «Eu...
Dei-lhe tambem outros dois...»

. . . .

— «P'ra isso tenho indulgencia
Desmandos que faz o amor!
Vou-te dar a penitencia
Que cumprirás a rigor;

Rapariga faz assim:
Quando tiveres tais desejos
P'ra outra vez de dar beijos...
— Vem da-los antes em mim.

Andica.

Aos homicidas!

Esta manhã visitou-me um dos bons amigos, um destes seres cuja necessidade de convivencia se nos impõe, e cuja influencia sentimos tão intrinseca aos nossos sentimentos como o sangue que circula nas arterias.

Sobraçava uma brochura antiga e já corroida no dorso pela traça devastadora; abri-a curiosamente, folheei as paginas amarrotadas, e uma estampa amarelecida deparou-se-me á vista; procurei a legenda e soube que a gravura reproduzia um dos factos mais notaveis da historia — a sangrenta batalha de Waterloo.

Então o bom amigo excitado, com um extranho scintilar nas pupilas, e na voz um diapasão de entusiasmo irreprimido, interpelou-me sobre a minha opinião na guerra européa, e qual o partido ao qual dedicara minhas simpatias.

Respondi-lhe sinceramente que não favorecia nenhuma das causas, e muito ao contrario, obedecendo a ideias mais filantropicas, condenava perentoriamente *todas as partes beligerantes;* ele recusou acreditar em minha asserção, pois, confessou-me, votava um tamanho amor pela França, pela democracia gauleza, que não compreendia, a existencia de um só cerebro livre, hostil áquela nação.

Retirou-se em pouco, e fiquei longo tempo sósinho, scismando sobre aquele homem possuido de ideias para mim extravagantes, e no entanto tão comodamente adaptado aos preconceitos da época em que vive; deliberei então fazer publicas as considerações consequentes deste acontecimento, e daí a razão de ser das palavras que se vão ler.

⁂

Aquele amigo ponderado em ocasiões outras, de temperamento calmo, afigurava-se-me agora perfido, estupido com o seu amor por um Estado que torpemente se empenhava no aniquilamento de outro.

Compreendi que identicos a ele, são os homens modernos em sua quasi totalidade, e os adeptos das doutrinas de fraternidade, os utopistas como nos chamam todos esses homens rapinas que usufruem lucros das guerras — os Krupp, os Armstrong, os Mauser, etc. estão na infeliz proporção de um para cem. Esta verdade porêm, longe de nos desalentar no vigor da propaganda, encoraja-nos a proseguir ardorosos na luta pelo triunfo do bem.

As grandes ideias, geralmente, iniciam seu desenvolvimento apoiadas em esmagadoras memorias de proselitos, muitas vezes tornados martires da causa abnegada. Foi assim que os primeiros movimentadores da revolução republicana no Brasil sofreram cruel punição pela audacia de se insurgirem contra o imperialismo de então: se Tiradentes não firmasse com seu sangue a possibilidade futura do regime republicano, jámais seria o glorificado de hoje.

Aí está, no conhecimento desse principio, a força vitalizante que nos impele para a reforma radical desta sociedade agonisante, em cujo intimo, a justiça é uma mentira, como tambem o são os direitos, as liberdades individuais, e as celebrizadas igualdades politicas do cidadão.

A justiça, como existe actualmente, administrada pelo Estado, representado em seus designados para exercel-a — os juizes assalariados, e os codigos servindo ao principio autoritario, é a maior das burlas em que o povo tem caído.

Todos nós sabemos como é feita a distribuição da justiça em nossa sociedade, sabemos que a classica balança pende geralmente para o lado onde o som do ouro se faz ouvir, e é accionada pelo magnetismo invisivel, porêm inevitavel, da maquina governamental.

Outro tanto não encontramos nas sociedades onde o Estado inexistente não faz sentir sua nefasta influencia. Os colonos americanos do insondavel Far West, estes titans que se arrojam indomaveis á desbravação das intermininas savanas, prodigalizam em suas colonias a justiça tão simples e sumariamente, que maravilham os que os estudam; e eles não possuem nem leis escritas, nem promotores e advogados profissionais...

O sertanejo brasileiro, rustico e habitante dos asperos territorios patrios, tambem conhece a justiça e exerce-a sem recorrer absolutamente aos parasitas juridicos.

E se o leitor otimista suspeita da veracidade da nossa afirmativa, que vá e experimente envolver a filha dilecta do sertanejo nos laços da seducção e depois abandonai-a, o homem abrupto que nada espera da justiça oficial, seguirá a vossa pista, e na primeira volta do caminho ou ao entrar na floresta sombria, um tiro de *bacamarte* será o epilogo da vossa experiencia; agora mudeis o local de acção e reproduzi o vosso capricho na cidade civilizada: sereis preso, processado, e mesmo chegareis a visitar por determinado tempo o carcere... se fordes pobre; se inversamente possuirdes ouro e comprardes os funcionarios do Estado, gosareis liberdade, e, mais ainda, podereis efectuar sem perigo um milhar de seducções...

As liberdades humanas, esperal-as do Estado decrepito, equivale a sonhar o saborear dum fruto delicioso que nos desse a urtiga de veneno causticante; elas, como disse o pontifice da anarquia, Kropotkine, «não se dão, tomam-se».

Vêde a policia e os exercitos, essas instituições elementares de todo o governo, criadas segundo a explicação do mesmo, a primeira — para proteger os direitos do cidadão em suas relações reciprocas e para manter a ordem, a segunda — para repelir as invasões do inimigo e assegurar a integridade do territorio nacional.

Vêde-as em pleno funcionamento, observai-as com criterio, e se fordes um homem liberto de preconceitos, concluireis comnosco: fóra a policia que mantem o despotismo do governo e oprime o povo; fóra os exercitos absorventes da fortuna publica, e cuja applicação é a pilhagem em proveito dos poderosos, seja qual fôr a fórma com que ela se apresente; ao ostracismo os vis comedores!...

E' um axioma em sociologia que o individuo só pode gosar positivamente os direitos que adquiriu pela luta; portanto, repilamos enojados os pseudos direitos sociais que os governos nos outorgam, repilamos energicamente o engodo revoltante da burguesia, e conquistemos os direitos reaes pelo unico meio pratico — a revolução.

Influencia nenhuma terá portanto para o progresso da humanidade, a vitoria da França sobre a Alemanha ou vice-versa; são dois Estados diferentes em seus aspectos exteriores, porém identicos em essencia, principios, e nos metodos de exercer o despotismo e a exploração contra o povo.

Um Hohenzolern só se distingue de um membro da camara francesa superficialmente; os socialistas sabem bem o que eles são, analogos e coerentes em todos os crimes.

Mesmo que toda a Europa ou todo o mundo fique sob o dominio do governo francez ou alemão, os fundamentos sociais não serão modificados, continuará a espoliação do capitalista sobre o trabalhador, o sufragio eleitoral será a mesma burla de agora, e a engrenagem esmagadora do autoritarismo permanecerá interiormente a mesma.

Daí, destes raciocinios naturais, a nossa neutralidade na grande matança presente; um só partido conhecemos digno do abraço de todos os homens filantropos — é a revolta, a revolta do faminto contra o opulento, do oprimido contra o opressor, do trabalho contra o capital, para a conquista da lei suprema da vida organica — o bem-estar.

Aguardemos impavidos o momento de agir, e quando elle for chegado, que seja contra ti, sociedade de ignominias, que seja contra o teu lodo, toda a explosão do nosso odio!

Aracajú, 22—8—1914.

Efren Lima.

No afan da cavação, os padres provocam protestos em Belo Horizonte

Na *Gazeta*, matutino que vem de iniciar a sua publicação na capital mineira, encontramos esta interessante noticia:

"Os meigos redentoristas, esforçados ministros de Cristo entre nós, pobres pecadores, sabem muito bem cavar dinheiro, porêm desconhecem, por completo, a boa educação e a piedade cristã.

Ontem, por ocasião da cerimonia do crisma, na matriz de S. José, os piedosos sacerdotes, cada um empunhando bandeijas repletas de moedas de prata e cedulas, no afan de mais se locupletarem, empurravam o povo, chegando mesmo a magoar algumas crianças com a sua brutalidade.

Não será por essa forma que os desinteressados discipulos de S. Afonso de Ligorio conseguirão o verdadeiro caminho do céu.

Os pançudos reverendos hão-de se convencer de que nós aqui não estamos na Hotentotia e nem tão pouco nos estaleiros navais da Holanda.

O povo da capital de Minas que, com a sua generosidade, já lhes paga e muito bem a ociosidade em que vivem não pode estar á mercé de suas impertinencias. Elas bem poderiam ter lugar, e agora a ocasião é oportuna, contra os cossacos que invadem a Alemanha."

Justamente. O lugar dessa corja seria lá nos campos de batalha onde a juventude forte e util se extingue barbaramente.

Para lá deveriam ser mandados todos esses parasitas infames. Os canhões e as carabinas teriam um bom alvo.

E a humanidade se veria livre dos seus odiosos inimigos.

OS CLERICAIS SÃO PELO IMPERIALISMO ALEMÃO

A atitude belicosa dos plumitivos religiosos chega a provocar protestos dos catolicos

A *Lanterna* já tem evidenciado em artigos e notas a conduta escandalosamente germanofila dos militantes do clericalismo, que não escondem as suas largas simpatias pela causa odiosa da autocracia militarista dos dois imperios centrais da Europa.

E são estranhamente logicos os defensores da Igreja. Já dissemos porque. Com a vitoria das forças do tragico Francisco José e do megalomano Guilherme II espera a clericanalha a restauração do dominio temporal do papa.

São, pois, logicos. Que importa em tal caso o protestantismo da Alemanha?

Mas ha no meio dos fieis da Igreja quem, estando pouco a dentro da hermeneutica vaticanesca, estranhe semelhante proceder.

E por isso não são poucos os protestos surgidos no meio serafico do rebanho do Senhor.

No Rio foram lançados solenes protestos contra o criterio guilhermesco do orgão clerical de lá. Aqui está sucedendo o mesmo com a *Gaseta do Povo*, que das suas colunas sagradas abriu cerrado fogo... retorico-sacro contra as forças dos aliados.

Mas ha quem, mesmo no campo religioso, se surpreenda com esse criterio guerreiro dos plumitivos da Curia.

E para prova disso publicamos a seguir uma carta que, pelo seu teôr, parece não ter sido escrita por quem tem a alma em almoeda.

E' uma carta aberta dirigida por *Um velho paulista* ao arcebispo de S. Paulo. Leiam-na os leitores, que tem o seu interesse:

"O apostolo São Paulo na sua epistola universal, cap. 3.°, vv. 8.° e 9.°, assim evangeliza:

8.°) E finalmente, sêde todos de um mesmo sentido, compassivos, amadores dos irmãos, misericordiosos, benignos:

9.°) Não tornando mal por mal, nem vituperio por vituperio, mas pelo contrario, bemdizendo; sabendo que por isto fostes chamados, porque herdasseis uma benção.

Por estes preceitos se vê que os padres romanos andam extraviados, desejando e proclamando a vitoria do povo alemão, *protestante*, contra a França, *catolica!*

O dever do sacerdote catolico é levantar preces ao seu Deus para que cesse a medonha desgraça da guerra, em que irmãos trucidam irmãos; e não influenciados por um mal entendido e absurda simpatia, fazer alarde pelo triunfo e vitoria de uma causa contraria á religião catolica! Igualmente não está de acôrdo com o sentimento catolico desta arquidioceso a *Gazeta do Povo*, orgão redigido por um padre estrangeiro, que está fazendo politica numa terra que não é a sua!

Seria mais curial que o redactor da *Gazeta do Povo* escrevesse para algum jornal portuguez-monarquista!...

No Brasil é que não tem cabimento a sua linguagem.

Não se entende como os padres romanos desejam a vitoria da Alemanha contra os catolicos franceses e belgas!!

O acto de energia do passado governo trancez, expulsando os padres do territorio nacional, não justifica o procedimento do clero, pois que o povo trancez foi sempre catolico, e agora mesmo todas as igrejas de Paris estão cheias de fieis, pedindo ao seu Deus (que é o dos catolicos, *o Cristo*) pela vitoria nacional.

Em relação á Belgica, foi ela sempre catolica, e, presentemente, é ali o partido catolico que governa.

A Austria, *por politica* é que sustenta a curia romana.

E' bem saliente o modo por que a Austria foi repelida nos dois ultimo conclaves, por ocasião das eleições de Pio X e Bento XV.

E' preciso que o clero romano paulista claramente assuma a responsabilidade de sua opinião, declarando, *sem embages*, se se conforma ou não com as barbaridades e atrocidades dos alemães na Belgica!

Se está ou não o clero com o vandalismo alemão, fuzilando sacerdotes, destruindo igrejas, como a catedral de Reims; assassinando pessoas inermes; incendiando cidades; e cometendo atrocidades que não o fariam as tribus mais ferozes do centro da Africa!

Respondam os srs. padres romanos!

E vossa excia. revma. tem o dever de declarar, perante a sua arquidiocese, se concorda ou não com a linguagem revoltante e impiedosa da *Gazeta do Povo*!?

O momento não é de hesitações.

Esse jornal não pode, como orgão da arquidiocese, continuar a linguagem, que não teria qualquer selvagem em relação aos seus mais encarniçados inimigos! A religião do crucificado não distingue irmãos de irmãos; os sacerdotes do Cristo teem por unico dever pedir ao seu Deus, para que quanto antes termine a terrivel desgraça, que neste momento assola a Europa.

Os catolicos da vossa arquidiocese esperam o vosso pronunciamento a bem da tranquilidade da familia catolica paulista.

Vossa excia. revma., como brasileiro e como paulista, não se esqueça das atrocidades e selvagerias praticadas contra as pessoas de brasileiros e paulistas distinctos, como o dr. Bernardino de Campos e familia; a familia do desembargador dr. Virgilio Sá Pereira e do advogado dr. Guerreiro de Castro (da Bahia).

Vossa excia. revma. está pois, com a palavra.

S. Paulo, setembro de 1914. — *Um velho paulista.*"

FESTA DE PROPAGANDA

Por iniciativa do Centro Libertario de S. Paulo, em 10 de outubro ás 8 horas da noite, no Salão Alhambra, á rua Marechal Deodoro, 2 (Largo da Sé), será realizada a 3.ª festa familiar e de propaganda

PROGRAMA:

1.ª PARTE — *La Repubblica*, comedia social de G. Damiani.

2.ª PARTE — *Alla Conquista Dell'avenire*, de P. Gori, declamada pela companheira E. Gattai.

3.ª PARTE — *Conferencia.*

4.ª PARTE — *Baile familiar e quermesse.*

Que fez a policia de Manuel Campos?

Que descaso desolador!

Prende a policia um homem — sem que ele seja acusado de falta alguma — deporta-o de uma cidade para outra, furta-o quantas vezes entende ás riquisições das autoridades judiciarias, dá dele sumiço — e passa tudo isso quasi que inteiramente despercebido!

Estupenda democracia!

Dessem os jornais noticia de que um monsenhor bandalho qualquer ou um cavador da politiquice estiva atacado de dôr de barriga e toda a gente se encheria de pena e andaria por aí cheia de preocupações pela saude do tipo da escoria grauda.

Trata-se, porêm, de um trabalhador. Trabalhador digno, trabalhador honrado, na acepção mais vasta desses termos.

Daí o silencio geral.

Tabalhadores ha muitos para que possam merecer a atenção da gente democratica.

Mas, com mil demonios! ajam pelo menos os trabalhadores. Pelo menos os seus companheiros de propaganda.

Ou então a solidariedade vale tanto quanto a dignidade da gente de cima.

Que se espera? Então abandona-se assim um companheiro?

Pensemos todos que são já passados quasi dois meses. Dois meses fazem que Manuel Campos está nas garras da policia, ou foi por ela atirado, moribundo, nalguma estrada longinqua.

E as leis? perguntarão. Ora, ora, as leis. As leis só teem valor para salvaguardar os interesses dos ladrões de luvas de pelica... e a virgindade dos padres puros e castos.

Mas, afinal, que fez a policia de Manuel Campos?

EM MINAS

A clericanalha realiza um congresso

MAS OS OPERARIOS PROTESTAM CONTRA A SUA MISTIFICAÇÃO

E a corja negra vinga-se mandando proibir a realização de um comicio

Minas vai-se tornando um dos principais focos do clericalismo infame.

E' evidente. As noticias que constantemente de lá nos veem provam isso.

E pelo que temos publicado a proposito não pode restar duvidas sobre essa constatação pouco animadora.

Inegavelmente, a corja negra do Vaticano trabalha com afinco no Estado das Alterosas, encontrando terreno fertil para a sua sementeira de intrugices e de explorações.

E' para essa obra odiosa de corrupção social não lhes falta a ajuda farta da jesuitada de fraque que governa o grande Estado.

E foi com o concurso decidido da canalha endinheirada e dos ratões dos cofres publicos que os caixeiros-viajantes do Vaticano organizaram um congresso catolico para tratarem com especial preferencia da questão operaria.

Que tartufos!

Mas ha naquele Estado um nucleo de activos e decididos companheiros que não dão treguas aos elementos retrogados e sustentadores de todas as mentiras sociais.

Esses dedicados propagadores dos ideais de emancipação humana não podiam ficar inertes ante a infamia e a vilania da clericanalha.

E agiram, publicando e distribuindo por todo o Estado o seguinte boletim:

Aos mistificadores de batina

O Centro Operario Sindicalista de Belo Horizonte, representando diversos sindicatos genuinamente operarios desta capital, todos federados á Confederação Operaria com séde no Rio de Janeiro,

Sciente de que se pretende levar a efeito uma mistificação com o fim de iludir o ingenuo operariado deste Estado, por parte de uma quadrilha negra de piratas que, vendo-se perdidos pelo vendaval que ameaça destruir-lhes a nave perigosa para a sociedade, procuram no operariado mineiro a taboa de salvação, reunindo-se todos, inclusive o capitão, num congresso catolico para tratar da questão operaria (!), do ensino e da educação moral e tecnica do operariado (!!!), nós operarios, considerando que não precisamos de uma educação moral, por ser imoral, e nem tão pouco tecnica, pois somos operarios, não admitimos que individuos ociosos e extranhos ao trabalho nos venham ditar conselhos ou leis. O que é preciso é que esses senhores roupetas e patrões encasacados andem em dia com seus pagamentos e não roubem aos operarios o fruto de seu trabalho.

Façam quantos congressos catolicos quizerem; o que não admitimos, porêm, é que padres, bispos e encasacados se intrometam na questão operaria, porque não são operarios.

O que se pretende salta aos olhos!

Fica aqui pois o nosso protesto contra a mistificação da burguesia clerical que mais uma vez quer nos embair.

Aconselhamos aos trabalhadores a ter bem gravado no espirito o seguinte lema da Internacional:

"Messias, Deus, Chefes Supremos, nada esperemos de nenhum. Conquistemos nós proprios a terra mãe livre e comum."

Para traz, patrões de batinas!!!

No dia 13, ás 6 horas da tarde, realizar-se-á imponente comicio contra a guerra, na praça da Estação da E. F. C. B.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO CENTRO.

Este boletim causou, como era de esperar, um grande reboliço no meio dos vampiros coroados e seus sequases.

Numa terra dominada por carolas considera-se uma ousadia criticar os actos da gente da sacristia.

Era preciso castigar os atrevidos herejes que tiveram a ousadia de pôr em almoeda o prestigio moral do 2.° Congresso Catolico Mineiro.

Faltava apenas o pretexto e a ocasião azada. Não tiveram de esperar muito.

Tendo o Centro Operario Sindicalista aderido á iniciativa da Confederação Operaria Brasileira, que promoveu no dia 13 do mez findo uma manifestação nacional contra a guerra, foi pelo mesmo anunciado um comicio que se devia realizar nesse dia.

Foram distribuindo boletins convidando o povo a lançar na praça publica o seu protesto contra essa coisa hedionda que é a guerra.

A concorrencia ao local indicado foi grande. A praça encheu-se de povo... e de soldados tambem que lá compareceram para impedir a realização do meeting.

Os seus promotores, notando a atitude ameaçadora da policia, foram ter com o delegado e deste souberam que a policia lá estava para dissolver o povo á paulista, caso tratasse levar a efeito o comicio.

E a manifestação não se pôde realizar senão pela simples presença numerosa de povo.

Mas porque impediu a policia a realização da pacifica reunião?

Foi o que só se veiu a saber depois, que essa proibição arbitraria e estupida foi determinada pela intervenção da clericanalha.

Afirma-se que uma comissão de uns trinta padres entendeu-se com a policia para que os operarios não pudessem gosar de um direito garantido pela constituição do paiz.

E foi assim que se vingaram os grandes bandidos de batina do protesto lançado pela classe trabalhadora organizada contra a sua nefasta intromissão em questões que só aos proletarios compete resolver.

Mas dia virá em que o povo tambem tirará a sua desforra, correndo a pau toda essa caterva infame que vive da exploração dos pobres de espirito.

FARSISTAS

Ao começar a guerra, os clericais suissos lembraram-se de promover sessões diarias de «orações para os soldados» ou «horas de recolhimento».

E como tema das suas meditações, escolheram o... «amai-vos uns aos outros!»

ESCOLA MODERNA DE S. PAULO

Devido á situação anormal resultante da crise que a todos nós assoberba nestes tempos, não é possivel, a despeito de todos os esforços, a realização da festa escolar e quermesse anunciadas para o dia 11 do corrente, ás 3 horas da tarde, na Vila Taide. E' o que nos acaba de comunicar hoje a respetiva comissão promotora, pedindo, por nosso intermedio, ás pessoas que lhe mandaram prendas, as necessarias desculpas e avisando-as, tambem, de que as mesmas ficarão guardadas para mais tarde, quando fôr possivel a realização de alguma quermesse ou leilão em beneficio das instituições mantidas pela Escola Moderna de S. Paulo.

*

No mesmo dia 11 de outubro, porêm, terá realização, ás 2 horas da tarde, na sede da Escola Moderna n. 1, sita á rua Saldanha Marinho n. 66, uma das costumadas festas escolares, que constará de cantos, recitativos de poesias e conferencias, sobre assunto educativo, em que tomarão parte o professor e respectivos alunos.

Para assistirem-na são convidados os pais dos alunos daquela escola e pessoas interessadas pela causa da educação e instrução segundo o metodo racionalista.

Despertar feminino

E' com grande satisfação que vejo, por meio da imprensa, o grande vôo que vai tomando o feminismo.

E' verdade que a maioria das feministas de hoje visam quasi essencialmente a conquista do voto — e eu sou contraria ao voto por ser uma coisa inutil e até um obstaculo para a marcha do progresso. Mas, o que mais admiro e aprecio nessa luta empreendida pelas sufragistas é a sua perseverante energia, que faz com que não se detenham ante nenhum obstaculo para conseguir o que desejam.

Bem sabem elas que pacificamente nada conseguirão, e muito acertadamente empregam a acção directa.

Manifestam-se tambem com vigor, nestes tempos, outras tendencias de feminismo alêm do das sufragistas, que certamente virão a despertar no meio feminino um certo gráu de actividade e que reverterá em favor da sua completa emancipação.

Como já disse anteriormente, senti imenso prazer ao ver esse despertar tão almejado, mas não sei a que atribuir a indiferença que reina entre as companheiras, tanto do Brasil como do estrangeiro, neste momento propicio para a propagação das nossas ideias. O elemento feminino, cansado de viver escravizado, compreendeu que já é hora de conquistar seus direitos usurpados pelo ridiculo orgulho masculino, e como em sua obscura existencia não poude reflexionar e portanto compreender onde está a verdadeira emancipação, na sua ansia louca de liberdade seguirá o caminho que primeiro lhe indicarem, julgando ter feito muito bem.

Vemos que se acham na brecha agora as sufragistas.

Pois bem, como não vêem outro caminho trilhado, seguirão forçosamente esse.

Acontecerá da mesma forma que com os socialistas parlamentaristas no meio operario.

Intrometeram-se tanto, conseguiram fazer acreditar nas suas promessas vãs, e temos os resultados funestos, vendo-se hoje muitos trabalhadores que ainda creem que a sua felicidade será completa quando forem governados por socialistas.

Se deixarmos que a politica absorva todas as energias da mulher, mais elementos teremos de combater, e portanto mais encarniçada e dificil será a luta para conseguir a emancipação que procuramos.

Portanto, companheiras, apelo para vós, em nome do futuro da Humanidade, para que unidas nos lancemos no luta, procurando eliminar tudo quanto obstrua o caminho que ha de conduzir-nos ao futuro ditoso, que tem sido o sonho mais doce da nossa vida.

Sim, unamo-nos e não deixemos que progrida esse novo *morbus* que se introduziu entre nós e teremos assim evitado que amanhã sejam nossas inimigas as que hoje são nossas irmãs.

Maria A. Soares.

BILHETES E RECADOS

Estamos com a nossa correspondencia em atraso. O trabalho é muito para os poucos que o devemos executar.

E acresce mais que devemos agora redobrar de actividade para vencer as incalculaveis dificuldades determinadas pela crise tremenda que muito de perto atinge as empresas como a nossa.

Os amigos que nos escreveram e fizeram pedidos á nossa biblioteca, tendo isto em conta não nos hão-de negar as devidas escusas.

Salto de Itú — S. D.: Ora, ora... São curiosas essas suposições. No seu caso estão muitos colaboradores. Temos a pasta cheia de originais a espera do necessario retoque. Que coisa dificil é ser *cosinheiro* de jornal de propaganda... Saude!

Jahú — Grupo Libertario: Pergunta o camarada R. Felipe se receberam o carimbo enviado ha mais de um mez. Resposta para a Caixa Postal, 1336. Saudações.

Rio — A. Boni: Grato pela copia. Saude!

Pio X foi um papa nefasto para a Igreja

E' o que nos diz Medeiros e Albuquerque neste interessante trecho de uma das suas ultimas brilhantes cronicas de Paris:

«Pio X foi um papa nefasto para a Igreja; mas nefasto exatamente porque tinha a singularidade de crêr na religião.

Se ele tivesse as finuras diplomaticas de Leão XIII, a separação da Igreja e do Estado na França não se teria efectuado. Mesmo que isso houvesse ocorrido, teria tido atenuações. Leão XIII era geitoso e habil.

Pio X raciocinava de outro modo. Ele estava certo e seguro do triunfo final da Igreja. Isso está prometido por Deus. Isso deve vir, tem de vir. Era para ele um ponto de fé.

Nessas condições, para que abaixar-se a transigir? A fé sincera não pode admitir transações. D'ai a sua intransigencia, que por isso mesmo tinha uma alta nobreza.

Os que, entretanto, julgam que a Igreja Catolica não é mais do que uma pobre instituição humana tão perecivel como as outras, não podem deixar de achar que ele lhe fez um mal enorme Enfraqueceu-a consideravelmente.

Dizem que a guerra europeia lhe amargurou os ultimos momentos e contribuiu talvez para a sua morte. E' possivel. Mas isso mesmo prova a fraqueza da Igreja nos tempos modernos, porque ele não teve força bastante para conter o soberano de quem tudo dependeu: Francisco José. E Francisco José é o monarca da nação mais catolica, mais clerical do mundo inteiro!»

POR LEREM A "LANTERNA", DOIS MOÇOS FORAM EXPULSOS DA "SANTA" CASA

Quem não saberá o que é a *Santa* Casa? Aquilo não passa de um hospital-sacristia.

Não se chamasse ela *santa*. Desgraçado daquele que lá caindo não se sujeite a rezar os padre-nossos ordenados pelas baratas santificadas que exercem as funções de enfermeiras!

Inumeros são os factos criminosos praticados pela gente daquele ninho de carolas e trazidos a publico pelas queixas dos infelizes que de lá fogem desesperadamente.

E como mais uma prova do profundo espirito de jesuitismo que domina aquela gente, aqui vai a noticia de mais uma ocorrencia, relatada num dos numeros da semana transacta da nossa colega *A Capital:*

«Estiveram em nossa redacção os anti-clericais Zegio Costa, de 18 anos de idade, residente na estrada Mondú, na Móoca e ora numa pensão do Mercado, e Antonio Baruf, morador á rua dos Aymorés, 79, no Bom Retiro, que costumam tratar-se na Santa Casa, por serem pobres.

Ontem, ás 10 horas da manhã, lá estiveram outra vez.

Antes de serem chamados, leram, á porta, *A Lanterna*. Uma enfermeira, vendo isto, comunicou o *crime* a uma religiosa e esta os denunciou ao sr. dr. Graziano, que expulsou os pobres moços do já tão decantado templo de caridade. (?)

Levamos este facto ao conhecimento da direcção da Santa Casa.»

Não nos causa esse facto extranheza alguma. E' natural que *A Lanterna* cause pavor a todos os sequazes do Vaticano.

Pois qual será o filho de Deus que não tenha horror ao chicote que o castiga?

E *A Lanterna* é o chicote impiedoso que coça cristãmente o pêlo á santa caterva de Bento ou Benedito XV.

O que é a guerra

COMO A CONSIDERAM VARIOS ESCRITORES BRASILEIROS

Vai a seguir mais uma das respostas ao inquerito feito em 1908, pelo nosso companheiro Edgard Leuenroth, na *Folha do Povo:*

Prezados confrades da *Folha do Povo*.

Recebi a vossa circular, e respondo: Que penso da guerra?

Que póde um homem, emancipado das mentiras da civilização burguesa, pensar da guerra?

A guerra é uma monstruosidade, é um crime de lesa civilização e de lesa humanidade. A guerra é uma ressurreição dos instinctos do homem barbaro dos periodos prehistoricos nos homens de um ciclo de civilização mais adiantada.

Quem são os interessados nesse flagelo?

Os ricos, os capitalistas, os opressores do povo, isto é, as camarilhas que assaltam o poder e nele se perpetuam pela astucia, pelo roubo, pela tirania e pela corrupção das massas, ás quais atiram as migalhas dos seus festins de par com todo o seu desprezo.

O povo que trabalha, e que é o braço de toda a civilização, de todos os progressos humanos, ainda que a nação a que pertence seja vencedora, não tira vantagem alguma da guerra, antes pelo contrario, porque será forçado a pagar mais impostos e a suportar a arrogancia dos assassinos agaloados.

A iniciativa da Confederação Operaria Brasileira, promovendo uma greve geral de protesto para o dia 1.° de dezembro de 1908, e declarando a sua firme resolução de negar o seu concurso á guerra, só póde e deve merecer aplausos, porque quando os povos não querem a guerra, não a poderão fazer os que os exploram.

Benjamim Mota.

S. Paulo, 4 de agosto de 1908.

Secção amena

— As mulheres cá da paroquia podem estar seguras com o novo vigario.

— E' então um santo homem?

— Não, senhor. E' um homosexual.

♣ ♣ ♣

O vigario do T. não quer que o sacristão acenda vinte velas aos domingos, no altar-mór: assim faz-se demasiada despesa e as esmolas estão rendendo pouco...

— Mas, sr. vigario, com menos de vinte velas não fica o altar bem illuminado.

— Estupido! Corta dez velas ao meio: terás vinte luzes e farás metade da despeza.

♣ ♣ ♣

A freira professora:

— Então o menino brigou na rua? Não ensinei já que Nosso Senhor, quando se recebe uma bofetada numa face, quer que se apresente a outra face?

— Sim; mas o outro deu-me um murro no nariz, e eu só tenho um nariz...

VIDA OPERARIA

COMO SÃO ESPOLIADOS OS TRABALHADORES NESTE MOMENTO DE CRISE

São mesmo uns tipos odiosos esses exploradores do alheio esforço. Nada os detem na sua ancia de lucros. São capazes de arrancar a propria pele ás suas vitimas.

E ai dos infelizes que lhes caem nas garras se o trabalho chega a escassear um pouco. E' justamente quando mais apertam o torniquete da sua espoliação.

E' o que está acontecendo neste momento de crise e de miseria para a classe trabalhadora.

Inumeros são os trabalhadores que, depois de terem desesperadamente procurado por longo tempo um serviço que lhes desse a possibilidade de ganhar o necessario para comprar um bocado de pão para os seus filhos, teem caido nos arapucas desses sangue-sugas sociais.

Alêm de oferecerem um salario miseravel e de aumentarem o horario de trabalho, ainda fazem os pagamentos quando muito bem lhes convem, justificando-se com descabeladas desculpas. E isso quando pagam, pois ha muitos deles que caloteiam infamemente os operarios.

E' o regimen da extorção legal que se está estabelecendo em S. Paulo.

Ainda nesta semana verificou-se um facto desses, que nos foi relatado por uma comissão de operarios.

Trabalharam numa obra na Estação de Mantaqui, no Tranway da Canteira, de que é proprietario João Alves e empreiteiro Luiz Martins. Orçam os seus salarios em 600$, que os tais individuos não querem pagar.

Estão os dois num jogo de empurra, deixando os trabalhadores sem o dinheiro que laboriosamente ganharam.

E todos favorecem, a esses tipos sem escrupulos. Recorreram os operarios á autoridade mas desta nada conseguiram. O mesmo sucedeu com o juiz de paz.

Que torpe exploração!

E disseram-nos os mesmos trabalhadores que no bairro de Santana ha mais uns cinco desses empreiteiros que já fizeram o mesmo!

Em parte são os trabalhadores culpado disso. Se estivessem fortemente organizados poderiam mais facilmente fazer frente a esses parasitas odiosos, desmascarando-os e boicotando os seus trabalhos.

Preparem-se, pois, organizando-se e preparando-se para a luta em favor de seus interesses.

Aos nossos assinantes

Da linha Paulista

Começa terça-feira a percorrer as localidades servidas pela linha Paulista o nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

Ficam, portanto, os amigos e assinantes dessa zona avisados.

A Lanterna *vivendo exclusivamente do auxilio dos seus assinantes, estes não podem deixar de contribuir pontualmente com a modesta importancia de sua assinatura.*

Apesar da epoca não ser das mais folgadas, com um pouco de boa vontade todos poderão saldar os seus debitos.

E se isso não fizerem, porão em perigo a existencia de um orgão indispensavel para a nossa propaganda que tantos sacrificios tem custado para ser mantido.

O nosso companheiro visitará em primeiro lugar e na devida ordem as localidades seguintes: Araras, Pirassununga, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro, Palmeiras, Rio Claro, etc.

Cartas na "Lanterna"

Acham-se nesta redacção a disposição dos interessados as seguintes cartas:

Adolfo Garcia Varella, João Alcantara, Abel Siqueira de Paiva, Manuel Gama, José Rodrigues, Vigario José Augusto Barbeitos, Guilherme Tinelli, Adalberto Feitosa, Tobia Boni, Gustavo Firscher, União Grafica, Gregorio Rodrigues, Domingos Acero, Pablo Ventral, Madalena da Silva.

FOLHETIM DA LANTERNA (38)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XVII

Joana

— Caramba! que bonita rapariga!

Diante dela, sentados no chão ao pé de um odre de vinho, que mostrava ter levado já frequentes abraços, estavam dois individuos de trajar mais que descuidado. Um deles, o que falara, coberto com um feltro coçado e informe mas tendo por penacho uma pena de galo, tinha uma cara de aventureiro, sublinhada por um gilvaz na testa e por um bigode comprido e magro como o dono, a ameaçar o céu com as pontas. O outro era baixo e barrigudo e vestia um burel fradesco terrivelmente remendado e cuja côr primitiva teria sido impossivel adivinhar.

O primeiro era o capitão Diego; o segundo, frei Paco.

CAPITULO XVIII

Na estrada

Tinham decorrido cêrca de dois mezes desde que a irrupção nocturna dos salteadores no castelo de Santafierno pusera em fuga e separara em dois pares o trovador Tolosán e a bailarina Inês, para um lado, o peregrino Pedro Lopez e o capitão Diego, para o outro. Durante esse lapso de tempo não tinham faltado as aventuras ao valente guerreiro.

Em primeiro lugar, ele e o companheiro, fugindo a Santafierno depois de terem fugido aos bandoleiros, tinham-se perdido um do outro na escuridão da noite. Cada um deles, eminentemente preocupado com a sua segurança pessoal, livrara-se cuidadosamente de perder tempo a esperar ou procurar o outro. Tinham avançado ao acaso, ao direito do nariz, indo assim Lopez parar a La Guardia e Diego a Ocaña.

Uma vez nesta povoação, começara o capitão por se dirigir a um modesto albergue, onde comera uma omeleta, regada por um frasco de vinho, afim de reaver fôrças. Depois, como no bolso só tinha sete maravedis (*), metade menos do que o Judeu Errante, quisera pagar a despesa vendendo ao albergueiro a corrente de cobre doirado surripiada aos quadrilheiros. Que era oiro puro, de que se apoderara num templo pagão da America, depois de ter, ele sozinho, trucidado meia duzia de idolatras. E, na verdade, o capitão Diego, com o seu terrivel espadão, os seus bigodes arrebitados e as suas longas pernas, que ele cruzava uma sobre a outra, recostando-se para trás, tinha a embofia toda dum "conquistador". Mas o estalajadeiro era sceptico como um velho picaro, embora se limitasse a roubar honestamente os fregueses com o seu comercio; por isso, tendo examinado atentamente a corrente, concluiu que ela estava longe de valer o preço que o freguez dizia.

— Vale pelo menos cem ducados, assegurava, imperturbavel, o capitão. Deixo-a, todavia, por cincoenta, alêm da refeição que acabo de tomar.

O albergueiro, porêm, era surdo daquele ouvido e começou a bradar que o cliente era um ladrão e a chamar gente, agarrando pela gola o honesto Diego, que a muito custo se soltou e teve mais uma vez que fugir, deixando nas mãos do irascivel vendeiro a sua suberba cadeia de oiro.

Com a sua omeleta, resistiu Diego á fome dois dias, sempre em busca de fortuna e só miseria encontrando. Apenas se viu fora de Ocaña, tomou a direcção de Madrid, pensando com razão que lhe seria mais facil a vida nas grandes cidades do que nas pequenas. A futura capital da Espanha começava a encher-se duma população mesclada: fidalgos, frades, artifices, aventureiros; já ali tinham assentado arraiais a vida galante, a intriga e o roubo. Em tal meio, um homem despido de escrupulos e rico de experiencia, se não de coragem, como era o capitão Diego, podia arranjar com que ir vivendo. E arranjou.

Arranjou, mas não muito bem. Apesar das lições de esgrima, das cartas de jogar e de algumas falcatruas miudas que não lhe toldavam a serenidade da consciencia, Diego estava mais magro e desfeito do que nunca, quando ao cabo de poucas semanas, achando prudente mudar de ares, saiu de Madrid para Toledo.

Na estrada, depois de passar Aranjuez, teve a grande surpresa de encontrar frei Paco.

O frade fazia então uma viagem de precaução. Tendo recebido de Santafierno a paga das suas negociações com Crotella, tambem se pusera a caminho de Toledo, afim de, por meio de um alibi, ficar ao abrigo de qualquer suspeita de cumplicidade no rapto de Maria Pacheco. Porque o negocio era grave: o marquez de Mondejar, ao saber do desaparecimento da filha e do morticinio dos seus servos, havia com certeza de revolver o paiz inteiro, e só, por desgraça, Crotella lhe caisse nas mãos, a tortura era capaz de obrigar o bandido a falar.

— Fui imprudente... eu devia ter pedido pelo menos o triplo! pensava Paco, que começava a ter remorsos a seu modo.

Era conveniente precaver-se contra a má sorte. De Toledo, poderia ele observar os acontecimentos e voltar ao seu ermiterio, se o não implicassem na empresa. Depois, com os seus três ducados, tinha a certeza de ir passar bons bocados na grande cidade: beberrão, glutão e devasso, conhecia em muitas cidades os sitios onde um frade se podia honestamente misturar com os ladrões boas pessoas e com as bonitas ribaldeiras.

Grande foi tambem o seu espanto ao ver-se cara a cara com Diego.

Os dois ex-comensais olharam-se a principio com certa inquietação; o capitão, com os seus trapos poeirentos e a sua comprida espada, parecia-se terrivelmente com um salteador, e talvez até tivesse procurado despojar o frade, se este não segurasse na mão um solido varapau de viagem. De força e coragem aproximadamente iguais, logo compreenderam que o mais seguro era fraternizarem, e cairam nos braços um do outro...

— Meu reverendo, como folgo de vos tornar a ver! disse o capitão todo enternecido.

— Louvado seja Deus por este encontro! respondeu o frade, compungido. Quantas vezes não tenho eu pensado em vós!... Aonde ides agora?

— Por aí fora, respondeu Diego estendendo o braço para o horizonte, com o gesto largo dum homem pouco firme quanto ao itinerario. E vós?

— Eu tambem para esses lados...

— Para os lados de Toledo, então.

— Tanto me faz ir para Toledo como para outra parte.

O capitão aprovou com a cabeça esta judiciosa reflexão e disse:

— Já que vamos para o mesmo sitio, façamos companhia um ao outro.

— Está dito! concordou o religioso.

O primeiro reflectia que o seu companheiro poderia receber, pelo caminho, algumas ofertas, de que ele teria parte; e o segundo, que mais valia ir acompanhado do que só, por uma estrada de Espanha.

— A proposito, disse Diego, não trareis convosco algumas provisões? "Nós" bem precisariamos.

Ao dar o abraço no frade, sentira-lhe sob o habito um inchaço significativo.

— Só tenho um gole de vinho num odre, respondeu Paco dissimulando uma careta. E vós, irmão?

— Algumas códeas de pão que partilharemos... como o vinho.

E aí está porque tinham ambos parado um pouco mais adiante para tomar uma refeição frugal, e bem frugal, com as códeas durissimas que Diego tirara de um pano sujo·

(*) O maravedi ou morabitino valia geralmente, na Espanha e em Portugal, 27 réis fortes, ou menos.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros .... 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 .... 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* $500
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* $200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* $200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição* $200
Dr N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus* $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato* .... 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* .... 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* .... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* .... 1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* ... $200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado* $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* $200
José Rizal, *Noli me tangere* ... $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* .... 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* .... 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* .... 2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras* $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* $200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural) $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* .... 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) 1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* .... 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* .. $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* $400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia* $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* $200
Guido Podreca *Il divorzio* .. $200
Maximo Gorki, *Interviste* $600
» » *Il compagno* $200
» » *L'uomo* $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria* $200
» » *I prodotti della terra* $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio* .. $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* $200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia* ... $300
» » *Operai, non bevete!* $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* $200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese* $300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* $100
» » *Consigli e moniti* $100
E. Vandervelde, *Le citta Piovre* $200
C. Andrea, *Un Sogno* $100
» » *Il socialismo* $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* $300
» » *Lo Sciopero* ... $100
E. Ciacchi, *Ai contadini* $100
» » *Le nostre Leghe* $100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* $200
G. Renard, *Agli Studenti* ... $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* $300
A. Valente, *Conferenze socialiste* $300
A G. Paoloni, *Primo Maggio* $100

B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi) $300
» » *Per la riduzione delle spese militari*. $300
Resoconto del *1.º Congresso dei lavoratori della terra* .. $200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gios $300
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña $400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzales.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* . $200

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

*
* *

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exémplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bage — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livresdo porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	15$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrit em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700.

Coleções completas da "Lanterna

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna *adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.*

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario [illegible] anarquista com suplemento [illegible]

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »